

Os dominicanos e o ensino da Teologia em Portugal

*Moisés de Lemos Martins*¹⁴⁷

1. Do ISET à Universidade Católica

Em 1972, encontrava-me a fazer o Curso de Teologia do Instituto Superior de Estudos Teológicos (ISET), em Lisboa. Era um dos cento e catorze alunos do Curso. Frequentava o 2.º ano, enquanto no primeiro estava, por exemplo, Carlos Filipe Ximenes Belo, mais tarde bispo de Dili, em Timor Leste, e Prémio Nobel da Paz, com José Ramos-Horta, em 1996.

Este Instituto Superior de Teologia era então dirigido por dois frades dominicanos, fr. Raimundo Duarte Oliveira e fr. Bento Domingues. Mas nele ensinavam outros dominicanos: fr. Mateus Cardoso Peres, fr. Luís de França e fr. Horácio Araújo. Por algum tempo, também ensinou neste Instituto fr. Francolino Gonçalves. E no ISET do Porto, ensinava um outro dominicano, fr. Bernardo Domingues.

Os dominicanos tiveram a seu cargo a direcção do Instituto Superior de Estudos Teológicos, que nasceu de um compromisso entre as principais Ordens Religiosas portuguesas, com a excepção dos franciscanos. Aqui ensinaram, também, entre outros eminentes intelectuais e académicos: o padre jesuíta José de Sousa Monteiro, biblista, que veio a ser deputado na Assembleia da República, pelo Partido Socialista, depois da Revolução de Abril; os padres salesianos, Raúl Roque de Almeida, historiador da Igreja Medieval e Moderna, incardinado na diocese de Lisboa, em 1993,

¹⁴⁷ Professor da Universidade do Minho (moiseslmartins@gmail.com).

e então professor da Universidade Católica, e Joaquim de Sousa Teixeira, filósofo, ainda hoje professor desta universidade; o P. João Resina, regente no ISET de disciplinas técnicas, professor no Departamento de Física no Instituto Superior Técnico, que sucedeu ao P. Alberto Neto na Capela do Rato; também os padres diocesanos Manuel Pinho Ferreira, canonista, e Isidro Alves, biblista, que foi Reitor da Universidade Católica, de 1996 a 2000; e ainda, José Augusto Ramos, biblista, hoje professor de História Antiga, na Faculdade de Letras na Universidade de Lisboa; António Reis, filósofo, professor da disciplina de Filosofia Moderna e Contemporânea, mais tarde dirigente e deputado pelo Partido Socialista e Secretário de Estado da Cultura, em 1978; e José Vieira Marques, que ensinou no ISET «O controle dos meios de informação: rádio, televisão, jornais e revistas», foi docente do Instituto Politécnico do Porto, onde lecionou História Crítica do Cinema e do Vídeo, assim como Análise de Filmes, e dirigiu durante cerca de três décadas o Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz.

Fundado em 1967, em Lisboa, contra a vontade dos bispos portugueses, o ISET foi contudo encerrado, por decisão de Roma, a pedido do episcopado português, passados oito anos, em 1975¹⁴⁸.

¹⁴⁸ Com o título «Religiosos em Questão», Neves de Castro publicou, em dezembro de 1973, um artigo de opinião no jornal *A Ordem* (15/12/1973) insurgindo-se contra «o total desnorteamento» do Instituto Superior de Estudos Teológicos, «excrecência absolutamente desnecessária da nossa Universidade Católica» (...) «Por muitos caminhos se poderia ilustrar esta afirmação, começando por exemplo nos nomes de mestres que lá ensinam. Basta dizer que já lecionou lá um marxista confesso, que no estrangeiro se especializou em greves universitárias, adorador incondicional de Marx e Marcuse». Estas considerações são feitas a propósito da visita a Portugal do Cardeal Artur Aroz Tevere, Prefeito da Sagrada Congregação dos Religiosos, e do «exame sério e lento» a que procedeu «das questões mais candentes que neste momento se põem aos congreganistas portugueses». Por sua vez o *Novidades*, jornal oficial da Igreja Católica, retoma este mesmo assunto, uma semana mais tarde, a 22 de Dezembro, com o título «O vírus corrosivo da contestação». Depois de advertir que «As esmolas que os fiéis confiam aos Institutos religiosos foram-lhes entregues para fins de apostolado, e não para propaganda política ou, o que é pior ainda, para minarem a unidade doutrinal e a disciplina eclesiástica», formula um voto: «Oxalá que a recente visita a Portugal do cardeal Tabere [...] contribua para esclarecer o ambiente e que o ISET e outras Casas de formação de religiosos nos dêem almas grandes» (...)

Os estudos superiores de Teologia desenvolveram-se, também, na Universidade Católica, em Lisboa, a partir de 1968. Todavia, encerrado o ISET, a Teologia foi centralizada na Universidade Católica, para diocesanos, religiosos ou leigos.

Increpados pelos jornais *A Ordem* e *Novidades* como responsáveis pelo «total desnorreamento» do ISET e por sucumbirem ao «erro de quererem *politizar* a Igreja» (*Novidades*, 22/12/1973), os dominicanos Raimundo Oliveira, Bento Domingues e Luís de França não transitaram do ISET para o corpo docente da Universidade Católica, o que constituiu um rude golpe para o desenvolvimento da Teologia em Portugal, que assim se viu amputada, no ensino e na investigação, do contributo de três dos mais notáveis teólogos portugueses.

Bento Domingues, porventura o maior teólogo português do século XX, esteve entretanto na fundação do Centro de Reflexão Cristã (CRC), em Lisboa, um instituto de ensino da Teologia para leigos, fundado após o 25 de abril de 1974, tendo aí leccionado cursos e sendo o principal redator da revista *Reflexão Cristã*, o Boletim do CRC, dirigido por Fernando Gomes da Silva. Em finais dos anos noventa, em 1998, com o pastor presbiteriano Dimas de Almeida, fundou e dirigiu, na Universidade Lusófona de Lisboa, a licenciatura em Ciência das Religiões. E desde a fundação do jornal *Público*, em 1990, que assegura uma notável coluna semanal de opinião, interrogando o papel da religião no mundo contemporâneo e estabelecendo uma larga plataforma de debate, numa visão cristã, sobre a actualidade, social, política, económica e cultural do país.

Por sua vez, Luís de França trabalhou no Instituto de Estudos para o Desenvolvimento (IED) e foi presidente da *Oikos – Cooperação e Desenvolvimento*, uma organização não-governamental, de inspiração cristã, integrando hoje a comunidade dominicana de Luanda, no vicariato de Angola da Província Portuguesa.

de «obediência ao Papa e aos Bispos, em comunhão com eles, os únicos Pastores do Povo de Deus».

Sobre o ISET, foi publicado um opúsculo, intitulado ISET: 1967-1975, com data de 17 de maio de 1975. A redacção e a coordenação é da responsabilidade de Brandão, Regado, Saturnino e José Nunes, que assinam como alunos do ISET.

Pinharanda Gomes, num artigo publicado em 2000, na revista *Lusitana Sacra*, sobre «Aspectos da Filosofia Católica em Portugal na segunda metade do século XX», dedica aos dominicanos uma pequena secção de três páginas (pp. 334-336), intitulando-a «Neotomismo». Refere, expressamente, fr. João de Oliveira, «cuja obra de Frei João de Santo Tomás é vasta e significativa» (p. 335). Refere também fr. Bento Domingues, «cuja obra, tocada por um tónus modernizante, é de carácter teológico» (p. 335). Refere ainda fr. Raúl Almeida Rolo e fr. António do Rosário.

Este artigo de Pinharanda Gomes faz justiça aos Cursos de Verão de Teologia, organizados, em Fátima, pelo Instituto São Tomás de Aquino. Eles foram, na opinião do autor, «uma tentativa no sentido de facultar, não só aos sacerdotes, mas também aos leigos, um meio de aprofundamento da fé e do incremento da esperança, mediante um lúcido conhecimento discursivo da verdade revelada e dos valores eclesiais» (p. 335).

Mas não passam despercebidas neste artigo um conjunto de imprecisões, e mesmo uns tantos juízos precipitados sobre a natureza do ensino filosófico facultado pelos padres dominicanos. A nosso ver, é completamente desajustado designar como «neotomista» e «escolástica dominicana» a prática filosófico-teológica, que supunha o conhecimento alargado dos trabalhos conciliares, tanto na sua preparação, como na sua concretização. E, por outro lado, o artigo de Pinharanda Gomes revela total desconhecimento da estratégia para a formação filosófica e teológica dos jovens dominicanos, definida pelos padres dominicanos da Província do Canadá, que refundaram a Província Portuguesa da Ordem Dominicana, em 1962.

Tendo enviado os jovens estudantes dominicanos para distintas comunidades no estrangeiro, designadamente, para o Canadá, a França e a Alemanha, numa estratégia que surpreende pelo audácia e pela inovação, uma estratégia ampla de abertura ao mundo, em contextos intelectuais diversos e cosmopolitas, os padres canadianos refundaram a Província Portuguesa, tendo colocado fr. João Domingos, formado no Canadá, como director do Seminário Menor e fr. Raimundo Oliveira, que estudara no Canadá e na Escola Bíblica de Jerusalém, como director do *Stu-*

dium Sedes Sapientiae, frequentado por estudantes dominicanos, verbitas, carmelitas e por missionários da consolata. Por sua vez, fr. Mateus Peres, formado no Canadá, foi designado mestre de estudos e fr. Miguel dos Santos, que estudara na Alemanha, foi nomeado mestre dos noviços.

É por desconhecimento, imaginamos nós, que Pinharanda Gomes não dedica uma única página ao ISET, no artigo que escreve. Coloca em 1967 o encerramento dos cursos de Filosofia e Teologia, que os dominicanos promoviam em Fátima. No entanto, é no ano de 1967 que se dá a criação do ISET. E será aí que a Ordem Dominicana, assim como a generalidade das Ordens Religiosas Portugueses, formará os seus estudantes, em Filosofia e Teologia. Todavia, depois de referir os problemas estruturais, nascidos da crise de vocações, Pinharanda Gomes assinala, erradamente, que é a necessidade de encontrar alternativas para a formação filosófica e teológica, que levou a Ordem dos Pregadores para a Universidade Católica, «por falta de outro recurso¹⁴⁹.»

Entre janeiro de 1973 e fevereiro de 1975, o ISET publicou um *Boletim*, ao todo dezassete números. Trata-se de um Boletim singelo, animado todavia por uma vigorosa dinâmica, a da leitura do tempo presente à luz da palavra de Deus. O *Boletim ISET* é uma espécie de manifesto teológico-pastoral e um agitador de consciências, que mistura, numa escrita rápida e ágil, a reflexão e a informação, sendo os seus processos de composição inteiramente artesanais e assentes na militância de alunos e professores. Com efeito, o *Boletim ISET* resume-se a um conjunto de algumas dezenas de folhas A4, escritas em frente e verso, agrafadas, com uma capa de papel mate. De um modo geral, o *Boletim ISET* não tem menos de trinta páginas, nem mais de cinquenta. Mas

¹⁴⁹ O desconhecimento da existência de duas Escolas de Teologia em Portugal, entre 1967 e 1975, uma da responsabilidade das Ordens Religiosas (o ISET), outra da responsabilidade do episcopado (a Universidade Católica), é promovido, também, pelo silenciamento desta realidade nos currículos pessoais de professores da Universidade Católica, que ensinaram no ISET. Por exemplo, nos currículos divulgados na Internet, os padres Artur Roque de Almeida (falecido em maio passado) e Joaquim de Sousa Teixeira (ainda no activo) omitem qualquer referência à sua passagem pelo ISET. É de salientar, no entanto, que essa referência é assinalada no currículo de Isidro Alves.

a sua composição interna obedece a um conjunto de rubricas fixas: «Testemunhos»; «De que Espírito Somos»; «Informação»; «A Palavra e o Tempo»; «Livros Hoje».

No *Boletim ISET* escreveram, sobretudo, Raimundo Duarte Oliveira, Bento Domingues e Mateus Cardoso Peres. Mas também encontramos textos de Luís de França, Francolino Gonçalves, Horácio Araújo e José Matias. Merece ser assinalado o facto de juntamente com textos poéticos, por exemplo de António Gedeão, ou de teólogos portugueses, como Joaquim Alves Correia, ou ainda de teólogos estrangeiros, como Christian Duquoc, Jean Goss, Gonzalez Ruiz, João Baptista Franzoni e Dominique Chenu, vemos no *Boletim* artigos escritos por variadas personalidades da oposição democrática ao salazarismo. Vemos, por exemplo, no nº 6 do *Boletim ISET* (fevereiro de 1973), Teresa Santa Clara Gomes fazer uma recensão ao livro de Paulo Freire *A Pedagogia do Oprimido*. Teresa Santa Clara Gomes viria a ser Vice-Primeira Ministra de Portugal, no V Governo Constitucional, de julho de 1979 a janeiro de 1980. E no *Boletim ISET* nº 14 (fevereiro de 1974) vemos um texto, assinado em conjunto por Fernando de Abranches Ferrão e Francisco Salgado Zenha, sobre «O Direito à Defesa». Estas duas personalidades eram ambas importantes advogados, conhecidos por defenderem presos políticos nos Tribunais Plenários do regime salazarista-marcelista. Fernando de Abranches Ferrão era então um advogado de grande notoriedade, dado ter conduzido a defesa de arguidos em importantes processos políticos, entre 1947 e 1973. Tinha sido o advogado de defesa nos processos que tiveram como arguidos os elementos da Comissão Central do Movimento de Unidade Democrática (MUD), em 1948, e também no processo do General Humberto Delgado, em 1959. Por sua vez, Francisco Salgado Zenha veio a ser um importante dirigente do Partido Socialista e candidato à Presidência da República, em 1986. Curiosamente, estava anunciada, para o dia 25 de abril de 1974, uma conferência sua no ISET, que por razões compreensíveis não chegou a realizar-se. Também Francisco Sarsfield Cabral escreveu no *Boletim ISET*, nº 13 (dezembro/janeiro de 1973/74). Era então um jovem economista de convicções cristãs. E é hoje comentarista

na televisão sobre assuntos económicos, uma atividade que exerce há décadas.

Pode dizer-se, com efeito, que no *Boletim ISET*, a ideia conciliar, inscrita pelo dominicano francês Yves Congar, na constituição *Lumen Gentium*, de que a «Igreja é o Povo de Deus», irmanava numa mesma prática padres, religiosos e leigos, segundo uma linha de orientação que condizia com a tradição mult centenária da Ordem dos Pregadores, que se propunha como uma palavra proclamada no tempo, mantendo-se atenta à realidade social e política do país¹⁵⁰.

É essa a razão pela qual o *Boletim ISET* nº 17, publicado em janeiro/fevereiro de 1975, dá conta da criação das «Equipas de Evangelização» ou «Alfabetização da Fé», criadas em 1974, com professores e alunos do ISET. Estas equipas, cada uma constituída por quatro a cinco elementos, partiam para as paróquias da região da Grande Lisboa e da zona Centro, ao fim de semana, ministrando autênticos mini-cursos bíblicos, e fazendo, simultaneamente, uma leitura da realidade social e política à luz da fé.

2. O Instituto São Tomás de Aquino e os Cursos de Verão de Teologia

Os números 11 e 16 do *Boletim ISET* anunciam ambos, um para 1973, outro para 1974, as actividades do Instituto de São Tomás de Aquino, nascido com a realização do 1.º Curso de Verão de Teologia, em 1955. A partir de então, este Instituto fez história, ao realizar, ao longo de décadas, sem interrupção, o Curso de Verão de Teologia, em Fátima, no Convento dos Dominicanos, na segunda quinzena de agosto.

No número 11, publicado no verão de 1973, escreveu fr. Raimundo Oliveira: «De 13 de agosto a 1 de Setembro do verão

¹⁵⁰ Atentemos, a este propósito, no texto publicado no *Boletim ISET*, nº 13, por Francisco Sarsfield Cabral, intitulado: «Teologia, tarefa comunitária ou apanágio de uma elite?». O que, em síntese, o texto sugere é que fazer teologia não é uma prerrogativa exclusiva dos padres; é antes uma exigência com que todo o povo de Deus, padres, religiosos ou leigos, deve ser confrontado.

passado, realizou-se em Fátima o 19º Curso de Teologia (...) O número de participantes atingiu o máximo até hoje verificado: em vez das três a quatro dezenas dos começos, neste verão havia duzentas e quarenta e cinco inscrições (duzentas e vinte e quatro religiosas pertencentes a trinta Institutos, oito religiosos de três Institutos, doze leigas e um sacerdote diocesano)» (p. 19).

Entretanto, com palavras de marcada inspiração conciliar, Raimundo Duarte Oliveira explicava, nestes termos, as razões da criação do Curso, nos anos cinquenta: «A necessidade de esclarecer as razões da fé e da esperança de que o cristão é portador sentia-se por toda a parte, nomeadamente entre as religiosas: a formação de base era curta; a assistência sacerdotal limitava-se a garantir a prática dos sacramentos e das devoções peculiares a cada família religiosa; os retiros anuais não respondiam à fome sentida na vida de cada uma e nos contactos com outras pessoas, em particular com a juventude dos clérigos. O investimento na reflexão e aprofundamento teológico era reduzido, esporádico e fruto de medidas demasiado particulares» (p.17). E de entre os dominicanos, cuja acção mais se destacou nos primeiros anos do Curso, Raimundo Oliveira assinalou dois: «Louis M. Sylvain, então Superior dos Dominicanos em Portugal, e Paul Denis, cuja abertura lhe encurtou a estadia no país» (*Ibidem*).

Esta nota informativa sobre o Instituto de São Tomás e o Curso de Verão de Teologia, em Fátima, dá-nos também a conhecer, em traços breves, a estrutura do curso: «Três semanas de trabalho, com uma média de quatro ou cinco aulas por dia, uma liturgia vivida, um convívio fraterno intenso entre as religiosas presentes, constituíam o 1.º ano, seguido de mais dois com programa análogo, o conjunto fornecendo uma visão panorâmica dos polos mais salientes da reflexão teológica, desde a Exegese à Liturgia, passando pelo Dogma, Moral e Direito Canónico» (*Ibidem*).

Mas o Curso de Verão de Teologia, que começou por ser, embora de forma não exclusiva, «a iniciação das mulheres à prática da teologia», não é dissociável dos Encontros de Teologia para Leigos, realizados também, por esses anos, «antes, durante e depois do Vaticano II», em Coimbra e no Porto, com êxito as-

sinalável, como foi recentemente referido por fr. Bento Domingues, na sua coluna do *Público* (14/10/2012).

Por sua vez, o *Boletim ISET* nº 16, relativo a maio/junho de 1974, publicado imediatamente a seguir ao 25 de abril, divulga o Curso de Verão de Teologia desse ano. Ficamos então a conhecer, tanto o corpo de professores do Curso, como as suas especialidades. Francolino Gonçalves leccionaria, em Sagrada Escritura, «O Pentateuco ou a Lei de Moisés». Bento Domingues ocupar-se-ia de Teologia Dogmática e leccionaria, especificamente, «Quem é Jesus Cristo para nós?». Mateus Peres teria a seu cargo a Teologia Moral e andaria à volta da temática «Deus, princípio ou obstáculo à realização moral dos homens». Luís de França sobraçaria a disciplina de Teologia da Vida Religiosa; Bernardo Domingues, a Psicopedagogia Religiosa; José Augusto Mourão, a Liturgia, com o tema «Celebrações da fé»; e Horácio Araújo, em Ciências Sociais e Humanas, trataria o tópico «O homem confrontado com o mal». O Programa concluía com a proposta de uma questão genérica para debate, intitulada «O futuro da fé cristã em Portugal», e era assim descrita: «por meio de documentação, de colóquios, mesas-redondas e debates, alunos e professores propõem-se contribuir para esclarecer os caminhos e o futuro da fé cristã no interior dos caminhos e do futuro do movimento de libertação do povo português e dos povos de Angola, Moçambique e Guiné».

A estes professores do Instituto de São Tomás de Aquino, que leccionaram no Curso de Verão de Teologia, outros dominicanos se lhes juntam, merecendo particular destaque: os historiadores, fr. Raúl Rolo e fr. António do Rosário, e os teólogos, fr. João Domingos, fr. Miguel dos Santos e fr. José Nunes. E um outro dominicano, além dos professores, deve ser mencionado neste contexto, fr. Augusto José Matias, que secretariou o Curso de Verão de Teologia durante quinze anos, de 1978 a 1993.

Em 1994, fr. José Nunes sucedeu a fr. Augusto José Matias na condução dos Cursos de Verão de Teologia, tendo-os secretariado durante cinco anos. E é a fr. José Nunes, doutor em Teologia pela Universidade Católica de Salamanca, hoje Provincial da Ordem Dominicana em Portugal, em segundo mandato, e há mais de

CADERNOS
N.º 100 - 1996



Instituto São Tomás de Aquino

ELOGIO
DAS VIRTUDES ?
da responsabilidade
e compaixão

Bento Domingues * José Freitas Ribeiro
Isabel Rosado * F. Sargento Cabral
José A. Mourão * Carlos J. Correia
Manuel José Carmo Ferreira

uma década, professor na Universidade Católica, em Lisboa, que se deve a criação dos *Cadernos ISTA*.

Fundados em 1996, os *Cadernos* são uma revista semestral, de que se publicaram já vinte e quatro números. Com uma natureza temática, retomam, sob a forma de artigos, as conferências organizadas pelo Centro Cultural Dominicano, um ciclo anual de oito conferências mensais. O Centro Cultural Dominicano é uma obra do Instituto de São Tomás

de Aquino, com assento no Convento de São Domingos, em Lisboa, e realiza, há cerca de duas décadas, além das conferências, sessões de estudo, sobretudo no Convento de São Domingos, mas também no Convento das Cardais, onde reside uma comunidade de freiras dominicanas.

No contexto da organização da vida intelectual dos frades dominicanos em Portugal, e da sua expressão e projecção, tanto em termos eclesiais, como em termos sociais, não é possível esquecer fr. José Augusto Mourão, o presidente do ISTA, grande figura da cultura portuguesa e personalidade ímpar da expressão cristã desta cultura. Professor da Universidade Nova de Lisboa, idealizador e último responsável, ao longo das últimas décadas, pelos Cursos de Verão de Teologia, pelo Centro Cultural Dominicano, e também pelos Encontros do Mosteiro do Lumiar, José Augusto Mourão seguiu à risca um ensinamento que aprendera com o seu confrade francês, Dominique Chenu, perito do Concílio e inspirador do célebre «Esquema XIII», de que saiu a Constituição pastoral *Gaudium et Spes*, sobre a Igreja no mundo actual. Escreveu Dominique Chenu que a teologia nasce da luz que um «acontecimento de salvação», que hoje se desenrola, projeta na inteligência. Este ensinamento, converteu-o José Augusto Mourão em lema. E dele deu testemunho em quase quarenta anos de vida como pregador da Ordem de São Domingos, qualquer que fora o registo que tenha declinado. Teólogo, poeta, músico,

crítico literário e ensaísta, José Augusto Mourão declina, numa obra monumental, o fulgor frágil da existência e manifesta as vertigens do humano, com uma escrita que soa em nós como vergastadas contra a erosão do tempo e as cobardias humanas. Faleceu em maio de 2011.

Na boa tradição dominicana, tanto as conferências como as sessões de estudos do Centro Cultural Dominicano, sempre constituíram nos dominicanos um ocasião para reunir, em debate alargado, especialistas dos vários domínios das ciências sociais e humanas e especialistas de Teologia e Sagrada Escritura, procurando dar resposta ao certo diagnóstico de Paulo VI sobre as atuais relações entre Evangelho e cultura, cujo drama estaria na rutura entre ambos.

3. A edição portuguesa da revista *Concilium*

Um dia, em 1964, António Alçada Baptista apareceu no Convento dos dominicanos de Fátima. Acompanhava-o o holandês van Engel e vinha com uma missão palpitante. Ainda com o Concílio Vaticano II a decorrer, que apenas encerraria a 8 de dezembro de 1965, muitos dos grandes teólogos, seus obreiros e protagonistas, os dominicanos Dominique Chenu, Yves Congar, Edward Schillebeeckx, e também Hans Küng, Jean Baptiste Metz e o padre jesuíta Karl Rahner, decidiram criar uma grande revista internacional de teologia. O propósito seria o de difundir, aprofundar e explicitar as propostas conciliares. E foi assim que nasceu a *Concilium*.

A revista seria publicada em sete línguas: francês, inglês, italiano, alemão, holandês, espanhol e português. A edição portuguesa seria assegurada pela Moraes, de que era proprietário António Alçada Baptista.

Por cada edição em língua moderna, a revista *Concilium* contava com um teólogo da mesma nacionalidade no Conselho de Direção. Amigo de fr. Mateus Cardoso Peres, com quem, aliás, chegara a deslocar-se a Roma para assistir a algumas sessões do Concílio, António Alçada Baptista vinha a Fátima convidá-lo

como representante português no Conselho da Direção da revista. A condição que fr. Mateus Cardoso Peres interpôs para poder aceitar o convite foi a de poder associar ao projeto os seus confrades fr. Raimundo Duarte Oliveira e fr. Bento Domingues, o que foi aceite. Deste modo, Portugal que não tivera peritos no Concílio Vaticano II, que acompanhassem o debate teológico e pastoral de abertura da Igreja ao mundo moderno, passava agora a contar, no pós-Concílio, com magistério de três jovens teólogos dominicanos.

A tarefa dos três dominicanos associados a este projeto consistiu, fundamentalmente, «em assegurar a autenticidade e a qualidade dos textos em português» (fr. Mateus Peres), exigindo, pois, a revisão de todas as traduções e a ponderação das suas implicações teológicas.

A revista *Concilium* era um empreendimento notável e de grande exigência para quem o realizava. De periodicidade mensal, era publicada dez vezes ao ano (apenas não se publicava em julho e agosto). Cobria dez áreas teológicas, havendo um director e um sub-director para cada uma delas. As áreas teológicas eram as seguintes: Dogma, Liturgia, Pastoral, Ecumenismo, Moral, História da Igreja, Direito Canónico, Espiritualidade, Sagrada Escritura e Problemas-Fronteira.

4. A Teologia, a cultura católica e actividade política à luz da fé

No livro que publicou em 2003, pelas Edições Tenacitas, com o título *Nós, os vencidos do catolicismo*, que retoma três artigos que publicou a 1, 8 e 15 de agosto de 1997 no jornal *O Independente*, João Bénard da Costa, refaz o percurso de uma geração de católicos que quebrara o pacto da Igreja com o Estado Novo. Inspirada pela Carta dirigida a Salazar pelo bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes, em 1958, que constituíra uma autêntica pedrada no charco da sociedade portuguesa, e também no seio da Igreja, esta geração de jovens católicos, que então nascia para a vida pública, vivia o Concílio Vaticano II como uma gran-

de esperança para o mundo, e muito particularmente para Portugal, um país pobre, em guerra, isolado no contexto das nações, e deprimido pela emigração, sobretudo para França e Alemanha. A braços com uma guerra colonial, de três frentes, em África, Portugal agonizava, então, às mãos de um regime autoritário, nascido do pronunciamento militar de 28 de maio de 1926.

Por essa época, Nuno Cardoso Peres era um jovem estudante, entusiasmado pelo *aggiornamento* da Igreja e pela sua abertura ao mundo, tópico central do Concílio Vaticano II, que o bom papa João XXIII abriu em outubro de 1962. Com Alçada Baptista e João Bénard da Costa, Nuno Peres chegou a deslocar-se a Roma para acompanhar um Concílio, que a Igreja portuguesa seguia com significativo desinteresse¹⁵¹.

No livro que escreveu sobre esta geração de jovens cristãos, inconformados com a situação da Igreja e do país, João Bénard da Costa refere-se por duas vezes a Nuno Cardoso Peres, que entretanto ingressara na Ordem Dominicana, como o nome religioso de fr. Mateus Peres. E refere-se também a Bento Domingues, a propósito dos debates promovidos pela livraria Morais, de caráter promocional à venda da revista *Concilium*, editada em Portugal, entre 1965 e 1970, por iniciativa de António Alçada Baptista.

Esta geração havia rejubilado com a visita pastoral do Papa Paulo VI à Índia (Bombaim), em dezembro de 1964, enquanto que, por parte do Governo de Portugal, suscitara a maior indignação e um coro de protestos, dada a anexação pela União Indiana, em 1961, de Goa, Damão e Diu, antigas possessões portuguesas.

¹⁵¹ Bento Domingues assinala-o, na sua coluna do *Público*, na edição de 14 de Outubro de 2012, ao convocar Manuel de Almeida Trindade, nas suas *Memórias de um Bispo*. Depois de ele próprio considerar que «o Vaticano II [...] não foi nem preparado, nem acompanhado, nem bem recebido pelas instâncias oficiais», dá a palavra a D. Manuel Trindade, que confessa ter faltado um grupo de peritos nacionais para acompanhar os bispos portugueses no desenrolar do Concílio. Por essa razão, os bispos portugueses não puderam «fazer um trabalho de divulgação e explicação da doutrina conciliar», tendo a sua participação ficado aquém «do nível atingido pelo episcopado do Centro da Europa – ou da que tivemos no Concílio de Trento».

Ainda rejubilara, em 1970, com a audiência facultada, em Roma, pelo Papa aos líderes dos três movimentos de libertação: o angolano Agostinho Neto, o moçambicano Marcelino dos Santos e o guineense Amílcar Cabral. Mas era uma geração que progressivamente se afastava da Igreja, sobretudo depois da deslocação do Papa Paulo VI à Cova da Iria, em 1967, vista como uma atitude condescendente relativamente ao Governo de Salazar.

Tratava-se de um grupo de jovens católicos, que se inscrevia na geração que havia rompido o pacto com o Estado Novo, para convocar as exatas palavras com que Salazar classificara a atitude do bispo do Porto e o apoio de muitos católicos a Humberto Delgado, candidato da Oposição democrática, nas eleições presidenciais de 1958, que elegeram, fraudulentamente, como hoje sabemos, o candidato do Estado Novo, Contra-Almirante Américo Tomás.

Mateus Peres e Bento Domingues fizeram a ponte entre o *Studium Sedes Sapientiae*, primeiro, e o ISET, depois, e esta notável geração de jovens intelectuais católicos, que havia passado à ofensiva no combate contra o regime autoritário de Salazar e a subserviência ignominiosa e conservantista da Igreja. Era um grande escol de católicos urbanos.

João Bénard da Costa fora Presidente da JUC, em 1957 e 1958, tendo ajudado a fundar, em 1963, *O Tempo e o Modo*, de que foi diretor em 1970. Foi, mais tarde, Presidente da Cinematoteca, tendo sido o Comissário do *Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades*, entre 2007 e 2011. No livro que publicou com o desencantado título, *Nós, os Vencidos do Catolicismo*, refere muitos deles. À cabeça encontra-se António Alçada Baptista, o celebrado escritor, de a *Peregrinação Interior*, I e II, *Os Nós e os Laços*, *O Riso de Deus*, dono da livraria Morais, com mais alguns anos de idade e um claro ascendente sobre todos eles. Mas o grupo incluía, entre muitos outros: Nuno Bragança, o escritor de *A Noite e o Riso* e de *Square Tolstoi*; o advogado José Manuel Galvão Teles; o arquiteto Nuno Teotónio Pereira e a mulher Natália; o escritor Pedro Tâmen; Alberto Vaz da Silva e sua mulher Helena Vaz da Silva, esta última elemento decisivo, tanto na publicação da revista *Concilium*, como da revista *O Tempo e Modo*.

O grupo chegou vencido ao 25 de abril, como assinalou João Bénard da Costa. Sobretudo vencido nas esperanças que depositou no *aggiornamento* da Igreja. Cada elemento passaria fazer o seu caminho.

Desde 1970 que a *Concilium* deixara de ser editada pela Moraes. A edição portuguesa estava, agora, a cargo da Editora Vozes, no Brasil. Ainda em 1970, fr. Mateus Peres partiu para o Canadá. O *Tempo e o Modo* chegou a reunir debaixo do mesmo chapéu Mário Soares, Salgado Zenha, Jorge Sampaio, Vasco Pulido Valente, Eduardo Lourenço, M.S. Lourenço, Sophia de Mello Breyner, Jorge de Sena, Agustina Bessa-Luís, Ruy Belo, Sottomayor Cardia, Manuel de Lucena, António Ramos Rosa, José Cárdozo Pires, Vergílio Ferreira... Mas com o 25 de abril de 1974, a sociedade portuguesa abriu-se em liberdade e os portugueses espalhavam-se agora por um espetro político e cívico multifacetado.

Por um tempo, vimos fr. Luís de França substituir o P. Francisco Videira Pires na RTP. Ao «Dia do Senhor» sucedeu, então, «Em Cada Dia uma Esperança». Entretanto, foi fundado, em agosto de 1974, o jornal *Libertar*, para apoiar grupos e pessoas que se reuniam no «Movimento Justiça e Paz» (lançado em 1972). Ao longo de todos estes anos, e quase desde o início, dirigiu-o fr. Augusto José Matias. O jornal deixou, entretanto, de ser publicado, em 1991, ao fim de dezassete anos, com duzentos números publicados.

Ao fazer, em 1976, a narrativa do que fora a resistência católica ao salazarismo-marcelismo, num livro de intuítos apolo-géticos, que procurava justificar o comportamento da Igreja em quarenta e oito anos de regime autoritário, José Geraldês Freire assinala numa nota de rodapé que também houve resistência cristã da parte de alguns dominicanos. E nomeia-os: fr. Bento Domingues e Luís de França. Exatamente, uma nota de rodapé, para quem tão profundamente trabalhara, com muitos outros confrades, no sentido da mudança da Igreja e da sociedade em Portugal.

Referências bibliográficas

- Bénard da Costa, J. *Nós, os Vencidos do Catolicismo*. Coimbra, Tena-
citas, 2003.
- Cadernos ISTA*, Lisboa: Instituto São Tomás de Aquino, Convento de
São Domingos, 24 números desde 1994.
- Concilium*, nº 1. Lisboa, Morais, 1965.
- ISSET – Boletim Interno de Informação do Instituto Superior de Estudos
Teológicos ao Serviço do Reino de Deus*. 17 números, entre janeiro
de 1973 e fevereiro de 1975. Largo da Luz, Lisboa.
- Fr. Bento Domingues. «Os dominicanos em Portugal e o Vaticano
II», *Público*, 14 de Outubro de 2012.
- Freire, J. Gerald. *A Resistência Católica ao Salazarismo-marcelismo*,
Porto, Telos, 1976.
- ISSET: 1967- 1975*. Lisboa, 17 de maio de 1975.
- Neves Castro. «Os religiosos em Questão», *A Ordem*, 15 de dezembro
de 1973.
- «O vírus corrosivo da contestação», *Novidades*, 22 de dezembro de
1973.
- Pinharanda Gomes, J. «Aspectos da Filosofia Católica em Portugal
na Segunda Metade do Século XX», *Lusitana Sacra*, 2000.